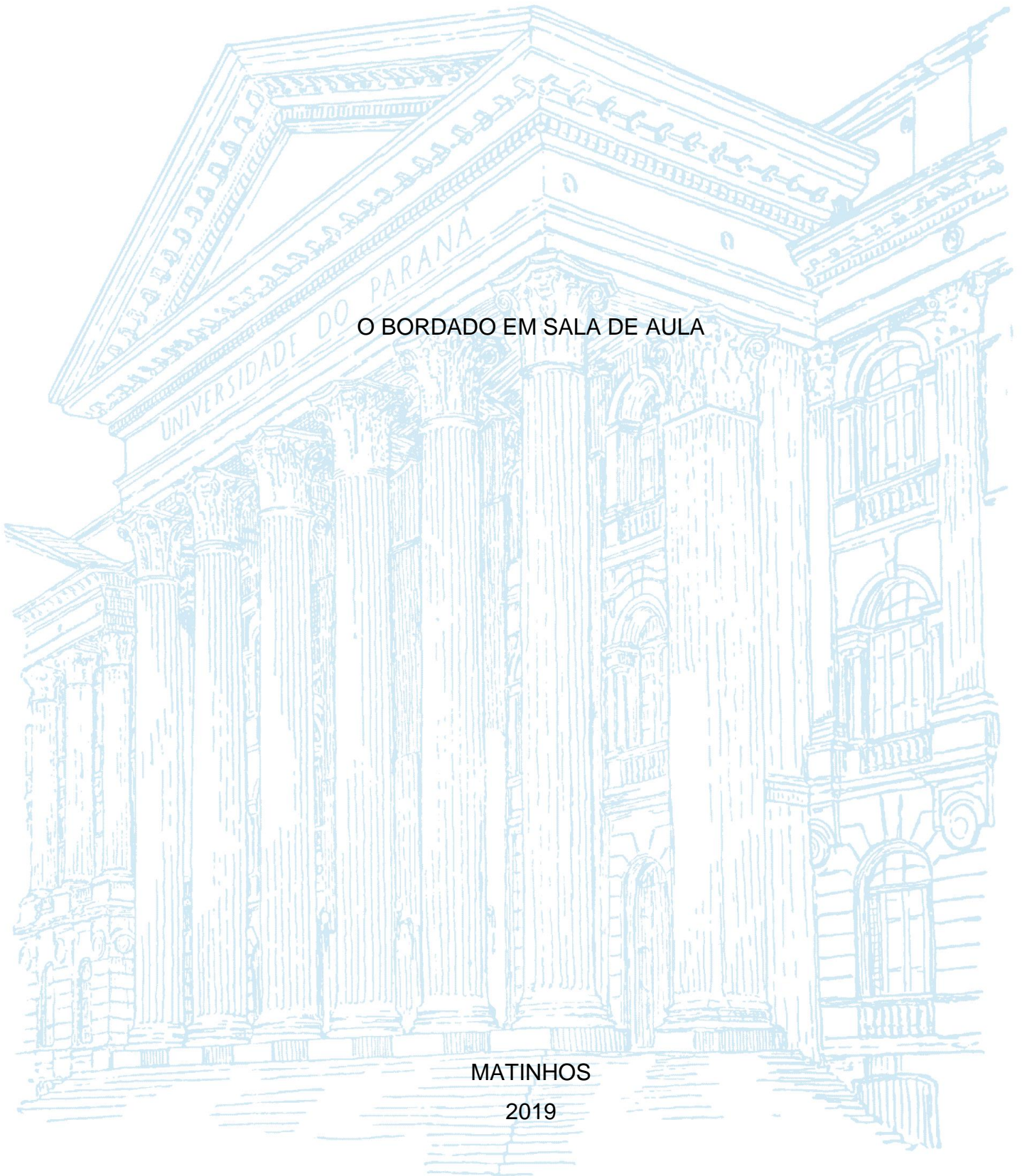


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

ANGEL PURKOT DA SILVA

O BORDADO EM SALA DE AULA



MATINHOS

2019

ANGEL PURKOT DA SILVA

O BORDADO EM SALA DE AULA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do diploma de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giselly Brasil

MATINHOS

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

O BORDADO EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, para a obtenção do grau de Licenciado em Artes.

ANGEL PURKOT DA SILVA

Professora Orientadora Prof.^a. Dr.^a Giselly Brasil
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Professora Orientadora Prof.^a. Dr.^a Luciana Ferreira
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Professora Orientadora Prof.^a. Dr.^a Michele Louise Schiocchet
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Jesus Cristo pela oportunidade em realizar este curso, pela sabedoria, força e presença nas horas de aflição.

Agradeço a minha família por todo apoio e incentivo dado em todos esses anos, em especial a minha mãe por acreditar em mim e me guiar a sempre fazer o melhor.

Aos meus amigos amados, Caroline, Patrícia, Ingrid, e Lucas e colegas de turma que dividiram momentos bons e ruins, me deram todo suporte e trocaram boas risadas ao longo do caminho.

Agradeço em especial a minha querida amiga Gabrielle que me auxiliou em todos os momentos, por todas as risadas e lágrimas que trocamos nesses 4 anos.

A Silvana e Henrique por todo apoio emocional, pelas experiências trocadas, pela ajuda nos trabalhos (inclusive este) e claro, pelas alegrias e momentos de carinho.

Agradeço também a toda minha família espiritual que compreendeu este momento importante da minha vida e se fez presente em todas as horas.

Por fim, agradeço à Prof^a. Dra. Giselly Brasil que acolheu meu trabalho e me direcionou os caminhos e a Prof^a. Dra. Luciana Ferreira que foi como uma luz em todos os módulos e me encorajou a seguir com meus bordados.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar como produção final a confecção de um objeto bordado inspirado em dois projetos: “o nome do medo” de Rivane Neuenschwander e “a bordadura nas artes visuais” de Mariana de Souza Guimarães. O objeto produzido é uma “Capa” idealizada a partir de trabalhos criados em um dos módulos de Artes Visuais do curso. A intenção é confeccionar o objeto dialogando com as propostas dos projetos das autoras Neuenschwander e Guimarães. Esse trabalho tem como objetivo resgatar a cultura do bordado através da investigação do mesmo em sala de aula e trazer reflexões sobre sua importância na criação de relações sociais.

PALAVRAS CHAVE: Bordado. Arte. Educação. Processo de criação.

ABSTRACT

This study aims to present as a final production an object inspired by two projects: “the name of fear” by Rivane Neuenschwander and “the embroidery in the visual arts” by Mariana de Souza Guimarães. The object is a “Cover” created from works produced in one of the Visual Arts’s modules. The intention is to create the object dialoguing with the project proposals of the authors Neuenschwander and Guimarães. This work aims to bring up the culture of embroidery through its investigation in the classroom and encourage reflections on its importance in the creation of social relationships.

KEY WORDS: Embroidery. Art. Education. Creation process.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O INÍCIO.....	10
3 BORDADO, BORDADURA	11
4 OS BORDADOS	13
5 PROCESSO DE CRIAÇÃO DA CAPA	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	25
APÊNDICE A- PLANO DE AULA.....	26

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sorriso em Etamine I.....	14
Figura 2 – Sorriso em Etamine II.....	14
Figura 3 – Boca I.....	15
Figura 4 – Boca II.....	15
Figura 5 – Croqui Frente.....	17
Figura 6 – Croqui Verso.....	17
Figura 7 – Protótipo frente e verso.....	18
Figura 8 - Tecido dobrado ao meio.....	19
Figura 9 – Divisão da parte da frente.....	19
Figura 10 – Desenho das costas.....	20
Figura 11 – Costuras.....	20
Figura 12 – Bordado direito.....	21
Figura 13 – Bordado avesso.....	22
Figura 14 – Costura das peças.....	22
Figura 15 – Peça finalizada.....	23

1 Introdução

Vivemos em um mundo no qual as redes sociais predominam não apenas a vida dos jovens, mas também a dos mais velhos e experientes. Toda essa conectividade digital nos leva a refletir sobre os pontos onde se encontram as conexões emocionais, sensoriais e afetivas. Para onde foram os encontros, as trocas e as referências de culturas e hábitos que predominavam no passado? Quais os momentos em que compartilhamos práticas, ideias e afetos? Quando que os corpos se aproximam e dividem sensações, silêncios e reflexões? Quando aprendemos no encontro?

O objetivo desse tema é mostrar a importância de se resgatar culturas que foram “perdidas” ou “dissolvidas” ao longo do tempo, bem como demonstrar na prática que essas culturas tradicionais podem ser reinventadas e reestruturadas em nosso contexto contemporâneo.

Ao contrário do que diz o senso comum, a produção material das culturas tradicionais não é estática e definitiva, e sim pertence a um processo contínuo de transformação onde seus criadores seguem resignificando seu próprio trabalho, rompendo ou seguindo ensinamentos tradicionais e tendências modernas. (SOUZA, 2012 p.25).

Bordar é como traçar com a linha a nossa trajetória de vida, o tecido passa a carregar nossas emoções e sentimentos. O bordado não é simplesmente uma técnica ou algo material, é muito mais do que isso. Ele é um trabalho artístico carregado de sensações e de histórias.

O bordado é linguagem, é expressão, é comunicação. Bordar é desenhar com a linha, marcar o suporte, e desenhar não é apenas representação gráfica; é organização de pensamentos, de ideias, é origem da escrita (GUIMARÃES, 2015 p.5).

Bordar é se comunicar através do fio.

Bordar é imprimir no tecido as experiências de vida. O intuito é ir além da simples confecção, é refletir sobre a prática e a ação de bordar. O que ela causa.

Durante minha infância conheci o bordado, aprendi sozinha e assim prossegui até a adolescência. Com o passar dos anos, acabei me afastando dessa prática e fui retomá-la apenas em 2018, na faculdade.

O contato com a costura se deu através da influência familiar, desde pequena tive uma proximidade com esse universo e com o desenho. Minha mãe costurava e acredito ter herdado esse gosto dela. Passei muitos anos costurando a mão, descobri várias formas e pontos da costura manual. Nunca havia tido contato com uma máquina de costura até o ano passado, quando consegui consertar a máquina que há muitos anos foi usada pela minha mãe. Desde então, tenho feito alguns experimentos. Minha maior vontade é realmente construir algo projetado, desenhado e costurado por mim. Além de ser apaixonada pela confecção, existe o desejo de costurar na máquina que minha mãe usou para fazer algumas das roupas da família. Essas questões me fizeram chegar neste tema.

2 O início

A ideia deste trabalho surgiu a partir do módulo de “Arte-educação: artes visuais”, neste espaço curricular abordamos as diversas possibilidades de se trabalhar com as artes visuais em sala de aula, uma dessas alternativas foi o bordado. Este módulo foi decisivo em minha trajetória acadêmica, possibilitando uma caminhada alternativa em práticas educativas. Pude enxergar uma nova possibilidade do que é a licenciatura em artes, não apenas uma profissão, mas além disso, uma ferramenta de conexão e resgate entre os alunos e professores.

A retomada do contato com o bordado me trouxe novas ideias e formas de bordar, passei a ver o bordado sob um outro ponto de vista. Sua história nos mostra que a prática do bordado é também um ato político.

Guimarães cita em uma de suas entrevistas:

Outra questão que é muito importante: desnaturalizar essa construção de gênero em que o bordado foi colocado ao longo do século. Na minha hipótese, o bordado foi um instrumento de domesticação das mulheres. Porque uma mulher bordando é mulher que está controlada, de cabeça baixa, concentrada. Então, temos que tirar essa naturalização de que bordado é coisa de mulher. (GUIMARÃES. Em entrevista ao Boletim arte na escola, 2017)¹

Muitos veem o bordar como algo feminino e restrito às mulheres, como era o costume antigamente. É preciso desmistificar esse pensamento, para que possamos enxergar essa prática como algo além da decoração e da domesticação.

¹ Acesso a entrevista em: <http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=77168> Data: 08/08/2019

É possível dizer que a maioria desses alunos pode ter o seu primeiro contato com o bordado em uma aula de arte. É preciso, antes de tudo, ajudá-los a entender como esse trabalho pode carregar emoções e desmontar barreiras criadas pela sociedade. É preciso ver o bordado como linguagem.

Em seu projeto, Guimarães trata esse assunto através de referências as quais os alunos estão familiarizados:

Minha abordagem é de compreender o fio como linguagem, isso já muda completamente o panorama, porque eu vou entender o fio sob a perspectiva de um campo ampliado. Coloco uma lupa e amplio desde aquele paninho que minha avó fazia. Muitos alunos chegam com essa referência. É muito interessante, porque o fio guarda uma memória do fazer. " (GUIMARÃES. Em entrevista ao Boletim arte na escola, 2017)

O foco do bordado em sala de aula não seria o aprendizado técnico do bordado, mas sim a sua potencialidade através da construção dos desenhos e palavras, a força de criar vínculos e relações através da confecção. Ninguém precisa saber bordar para começar um bordado, ele surge a partir da junção de elementos como: agulha, linha e um objetivo a ser atingido.

3 Bordado, Bordadura

Bordado

substantivo masculino

1. ato de bordar ('ornamentar com fios').

Quando pensamos em bordado muitas vezes lembramos das mulheres anos atrás, sentadas ao lado de suas mães e avós aprendendo a tecer o fio. O bordado, em sua origem, surgiu para adornar e trazer mais vida para as roupas. Sua função inicial era simplesmente estética.

Hoje em dia, o ato de bordar já ultrapassa a simples prática manual, além de estar presente em toalhas, roupas e acessórios, se descobriu o bordado como bordadura.

A bordadura é o fio como rede, é o modo de se estar, de transitar, de permanecer e tecer na sociedade (GUIMARÃES, 2015), é a rede social não virtual.

O fio é a ponte de travessia entre a emoção e a criação, o cabo de conexão do pensamento para a ação. O fio resgata a memória, traz à tona a trajetória de

vida, traz vida a ideia no lado direito, mas também carrega o seu avesso. O fio, a fibra natural ou sintética, fina, que corre pelo tecido como as veias correm pelo corpo e tece da mesma forma que nosso corpo, como um tecido, é bordado pela linha da vida.

Quem dos nossos avós e bisavós poderia imaginar que um dia essa linda atividade que se restringia ao universo feminino e à decoração poderia virar uma ferramenta de quebra de construções sociais?

Muito mais do que o objeto de adorno ou material de compra e venda, o bordado é arte. Vivemos em uma sociedade consumista, focada em seus interesses financeiros que, por sinal, são interesses influenciados pela mídia. A rede social se padronizou, o indivíduo se perdeu pelo caminho, nos encontramos no meio de um caos. O ideal, o “perfeito” é ser igual ao que está nas mídias. A internet criou seres conectados a “mestres *influencers*” que direcionam o que é bom ou não de se consumir. A fuga do dia a dia não é mais encontrar um lugar de paz, mas entrar no caos, se afundar em compras e aproveitar o ócio criado pela tecnologia. Tudo se encontra a um clique de distância. “[...]será ainda possível gerar relações no mundo, num campo prático (...) tradicionalmente destinado à “representação” delas? ” (BORRIAUD, 2009, p.12)

O bordado, no contexto da arte contemporânea, pode ser visto como um espaço de liberdade, um terreno com inúmeras possibilidades de criação, sem influência consumista, sem pressão social, apenas o indivíduo e a matéria. É nesse terreno aberto e livre que grandes trabalhos de arte surgem, não digo em relação a sua fama, mas sim em relação a sua poética. É no encontro do indivíduo com o seu próprio eu e suas sensações que as relações de rede e afeto são restauradas no contexto do bordado.

Como um belo exemplo dessa utilização do bordado livre na arte contemporânea temos Leonilson. José Leonilson foi um pintor, desenhista e escultor brasileiro, suas obras tinham uma poética singular, Leonilson conseguia trazer às obras a sua própria trajetória de vida, suas emoções, sua vida. Cada obra era como a página de um diário, expressando suas questões pessoais e existenciais (OLEGARIO, 2019).

Ele utilizava a escrita bordada para trazer materialidade às suas vivências, palavras pensadas e projetadas para serem além de simples palavras.

Apesar do costume de encontrarmos na escrita um guia para a compreensão ou entendimento de determinados assuntos, em suas obras a junção de letras não determina a leitura. O que se lê está entre palavras, frases, imagens e espaços vazios. (OLEGARIO, 2019, p.24)

Leonilson utiliza o bordado em seus trabalhos para transformar a palavra em desenho, forma. Escrever com linha é extravasar limites que definem linguagens. É experimentar um traço livre que surge no mundo em diferentes suportes. Se pensarmos o fio como nossas veias e o tecido como nosso corpo, escrever com o bordado seria tecer nossas trajetórias a partir dessa escrita. Um material tão simples que carrega a possibilidade de uma escrita de si.

Mais do que recordar do bordado ou conhecê-lo de ouvir falar, é preciso tocar uma nova geração de pensadores, estimular o surgimento de artistas pesquisadores em sala de aula. Os jovens, mais do que os velhos, estão cada vez mais inseridos no mundo consumista de “valores” pré-estabelecidos, mostrar-lhes a riqueza do bordado como bordadura é essencial para a criação de vínculos, resgate do afeto social e a restauração da rede, conexão entre pessoas com corpos físicos e reais. O bordado como linguagem pode ser inserido de diversas formas na educação – na sala de aula, no ensino formal, ou em oficinas e ações educativas, na educação não formal.

4 Os bordados

Na sala de aula da universidade iniciamos os bordados no módulo de “Arte-Educação: Artes visuais” com a ideia de Guimarães, entrelaçamos nosso próprio eu no tecido. A professora nos orientou a bordarmos uma palavra que nos definisse, algo que fosse nossa característica principal. Eu escolhi a palavra “Sorriso”.

Figura 1 – Sorriso em Etamine I



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Figura 2 – Sorriso em Etamine II



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

A segunda parte foi bordar uma imagem que representasse essa palavra escolhida.

Figura 3 – Boca I



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Figura 4 – Boca II



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Na terceira parte então chegamos à “capa protetora”. Segundo o Boletim Arte na Escola – Edição #84, o “nome do medo” de Rivane Neuenschwander é um projeto que se iniciou em 2016.

[...]com oficinas a 198 crianças, de 6 a 13 anos, em escolas públicas e privadas e abrigos do Rio de Janeiro. O projeto durou três meses e aconteceu em parceria com a Escola do Olhar do MAR - Museu de Arte do Rio e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, dirigida por Lisette Lagnado, que também foi a curadora da exposição O nome do medo que esteve no MAR em 2017.

O embrião do projeto é o interesse da artista em listar e colecionar medos de crianças. O nome do medo reflete a inclinação de Rivane em pesquisar temas da psicanálise, especialmente as linhas de convergência entre seu próprio processo criativo e as subjetividades dos outros. Como sugere o título, o projeto gira em torno da questão do medo, e considera como o medo pode ser traduzido através da linguagem, dos desenhos, do corpo e dos objetos. Tudo no projeto começa e termina com as crianças, que a partir dos seus medos, projetaram e fabricaram capas protetoras. (NEUENSCHWANDER. Em entrevista ao Boletim arte na escola, 2017)²

A partir desse projeto desenvolvemos em sala a mesma prática e criamos um croqui.

Inicialmente fomos levados a pensar sobre o nosso maior medo, algo que nos aterrorizasse. Tive muitas dúvidas nessa parte, pois tenho vários medos. Entre eles, a minha palavra escolhida foi “Escuridão”.

Não a ausência de luz exterior, mas a espiritual.

Meu maior medo é a ausência de uma Luz (interna). A ausência da luz que me inspira a viver todos os dias. Em trevas vivi por 19 anos, buscando algo para preencher o vazio da alma, até que encontrei esta luz. Por isso hoje em dia é impossível para mim, imaginar como seria minha vida sem A Luz.

Deste modo fiz o croqui da minha capa protetora, escolhi 7 cores do arco-íris para representar a luz, seguindo a ideia de que a união das cores é o branco.

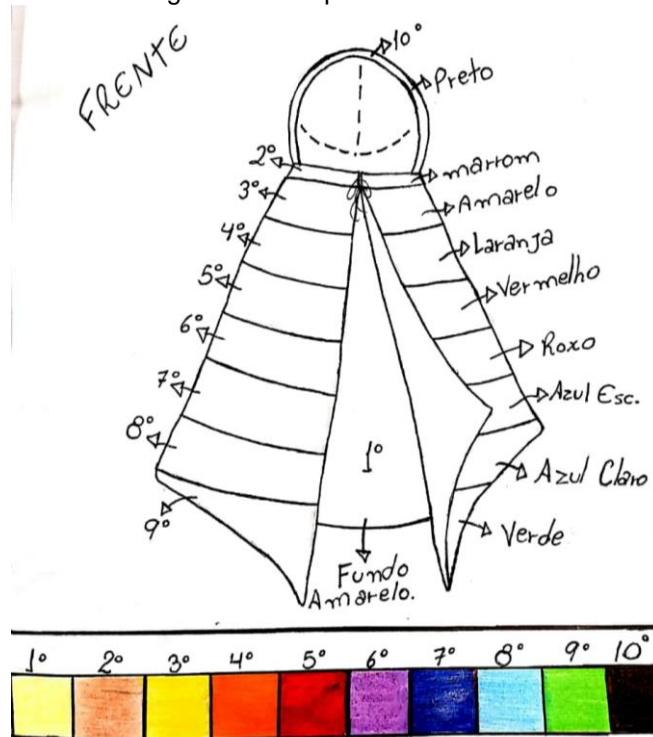
Fomos orientados no sentido de que nossa capa podia não apenas ser uma simples capa na qual guardaríamos nosso medo, mas ela também poderia ter “superpoderes” ou ferramentas que nos ajudariam a nos manter protegidos.

Seguindo essa perspectiva mais poética da proteção, minha capa teria o poder de girar as cores, trazendo então o branco, ou a Luz.

Os primeiros croquis:

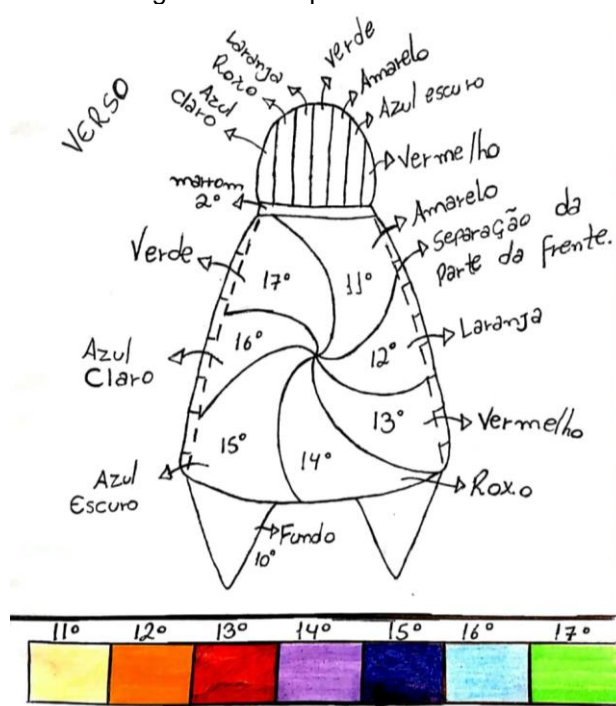
² Acesso a entrevista em: <http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=77164> Data: 08/08/2019

Figura 5 – Croqui Frente



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Figura 6 – Croqui Verso



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Optei por além de desenhar a minha capa, também bordá-la. Então, a partir do croqui, criei o protótipo bordado em algodão cru:

Figura 7 – Protótipo frente e verso



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Para mim, o bordado tem a força de me levar ao passado, quando a minha bisavó, que infelizmente não conheci, bordava seus panos, nos quais ela colocava todo seu amor e carinho através da linha e agulha. Pude resgatar isso através de minha avó que guardou um desses bordados por todos esses anos e então me entregou. Eu o carrego como uma relíquia de família.

Todo esse processo de croquis e bordados me fez refletir sobre a força que a arte tem sobre nós e o quanto nós podemos usar desta potência em sala de aula. Creio que assim como essa vivência na universidade me trouxe uma nova maneira de ver as coisas, as práticas com o bordado em ações educativas também podem auxiliar e influenciar os estudantes a expandirem a sua percepção.

5 Processo de criação da capa

Com base no croqui, utilizei um tecido de forro branco, separei as duas partes da frente e a das costas.

Nas costas: desenhei linhas espirais para separar as 7 cores utilizadas, optei por pintar o tecido antes de bordar para preencher mais o vão entre os fios.

Na frente: desenhei linhas retas, cada uma com sua respectiva cor.

Passo 1:

Figura 8 - Tecido dobrado ao meio



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Passo 2:

Figura 9 – Divisão da parte da frente.



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Passo 3:

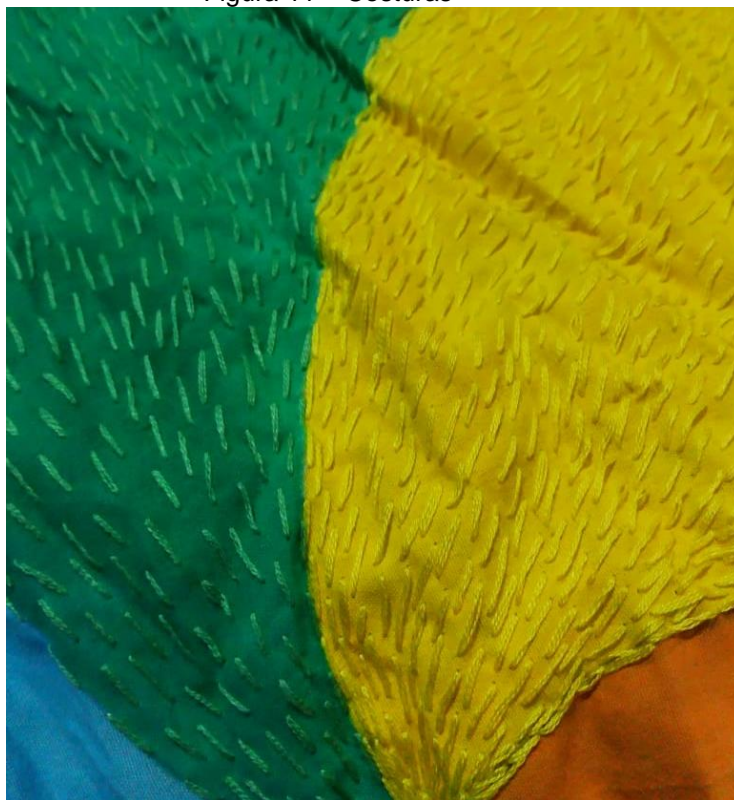
Figura 10 – Desenho das costas



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Ao finalizar a pintura dei inicio ao bordado.

Figura 11 – Costuras



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Durante o bordado, muitas questões surgiram, dentre elas o acabamento da capa. Inicialmente, pensei em forrar e colocar viés em todas as suas extremidades, mas percebi que “esconder” o avesso seria anular o trabalho por inteiro, já que na criação do direito, conseqüentemente se ganha um segundo trabalho/obra, o avesso.

Somente na prática pude notar a importância e a eficiência do avesso em um trabalho, com ele é possível perceber as rotas criadas pelo fio e pela agulha, cada reta que segue ou não um único caminho. Ao mesmo tempo que meu fio tece uma linha reta até o final do bastidor, em seu avesso o fio segue uma linha diagonal, formando no final de tudo uma “escada” de fios. Relacionei esse pensamento a todos os nossos desafios da vida que nos fazem percorrer diferentes trajetos, desviar e subir degraus.

[...] compreendo o bordado como nome, o bordar como um ato e a bordadura como uma condição, um modus de estar no mundo; vincula, aproxima, cria redes e conexões. [...] possui avesso e direito, como a própria experiência, como a própria vida. É travessia. (GUIMARÃES, 2015, p.5).

Figura 12 – Bordado direito



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Figura 13 – Bordado avesso



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Após todas as cores terem sido bordadas, juntei as laterais ao meio da capa, costurando a máquina.

Figura 14 – Costura das peças.



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Figura 15 – Peça finalizada



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Finalizei a peça costurando uma fita marrom ao redor do pescoço e dando acabamento em toda a barra.

6 Considerações finais

A partir da experiência vivida no módulo de “Arte educação: artes visuais”, resgatei a linguagem do bordado e trouxe esta vivência para a realização deste trabalho. Ao longo da montagem da capa, adaptei sua estrutura, percebi que seria mais conveniente tirar a touca que havia criado nos croquis, pois demandaria mais tempo e conseqüentemente o projeto estaria inacabado até a conclusão deste.

Ao longo da confecção e montagem da capa, pude perceber como o bordado se transforma de mão em mão. Isso eu experimentei e constatei com a ajuda de amigos que me auxiliaram na construção deste objeto. Cada parte da capa ficou com uma pessoa e no fim pudemos analisar que, assim como na escrita em papel temos letras diferentes, ao escrever com o fio isso também é visível. Cada um com suas impressões, linhas, desenhos e trajetos que expõem aquilo que é único em cada pessoa.

Notei que a prática do bordado pode também auxiliar as crianças em processos de sensibilização. Enquanto bordava na biblioteca, um grupo de crianças de um projeto entrou na sala onde eu estava e todos ficaram ao meu redor, algumas crianças tentaram bordar e associaram o movimento da costura com o movimento das ondas. Percebi a importância dessa cultura, como ela pode mudar a perspectiva de uma criança ou de um adulto, criar relações, vínculos, resgatar memórias e emoções vividas.

No decorrer desta pesquisa, e influenciada pelas práticas do módulo mencionado acima, criei um plano de aula no qual o bordado é tema das práticas de arte e educação. O plano, que me ajudou a pensar sobre as possibilidades do bordado em sala de aula, segue como material anexo deste trabalho.

Por fim, este trabalho me possibilitou um resgate de práticas que surgiram em meu processo de formação, a criação de um objeto bordado por várias mãos, reflexões sobre a importância do bordado em ações educativas e a construção de um plano de aula que experimentarei em um momento posterior nessa minha trajetória atravessada por linhas, agulhas, costuras e memórias que compõem a bordadura da minha vida.

Referências

- BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional / Nicolas Bourriaud; tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Martins, 2009. – (Coleção Todas as Artes)
- GUIMARÃES, Mariana. **Boletim arte na escola: O Fio como Linguagem**, São Paulo, n.84, jul, 2017. Entrevista. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=77168> Acesso em: 21/08/2019
- GUIMARÃES, Mariana. **Bordadura como linguagem de experiências, afeto, vínculo e liberdade**. Simpósio 12 – Redes e conexões de afetos, pedagogias e visualidades, Rio de Janeiro, 2015. Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 5.
- NEUENSCHUWANDER, Rivane. **Boletim arte na escola: O Nome do Medo**, São Paulo, n.84, jul, 2017. Entrevista. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=77164> Acesso em: 21/08/2019
- OLEGARIO, Andreza N. S. **A Palavra solta: Trajetos da Palavra em Práticas de Arte**. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Artes) – Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2018. p. 24.
- SOUZA, Maria Ferreira de. **O bordado como linguagem na arte/educação**. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Artes Visuais) Universidade de Brasília, p. 25. 2012

APÊNDICE A– Plano de Aula

Tema: Oficina de bordado em diferentes suportes.

Local: Projeto Saberes

Público alvo: Crianças a partir de 10 anos

Duração: 5 aulas de 2 horas.

Recursos: Papel, caneta, retalhos de tecido, agulha e linha, projetor.

Objetivo geral: Experimentar a costura e o bordado como linguagem, exercitar as capacidades motoras e estabelecer um contato com a arte.

Objetivos específicos: Interação do grupo, criar vínculos, estimular a partir das conversas e práticas a empatia entre as crianças, experimentar o bordado e a costura como forma de comunicação.

Conteúdo: Observação da turma, roda de conversa sobre o medo de cada criança, apresentação dos materiais e breve explicação sobre o bordado.

1º Aula: A turma é distribuída na sala ou pátio e se inicia uma roda de conversa para conhecer melhor as crianças. Acontecerão prática de integração e jogos teatrais. Apresentar a oficina mostrando o contexto do bordado, referenciais, arte popular e a produção de arte atual. Relacionar o movimento do bordado a princípios de Rudolf Laban. Apresentar os artistas usados como referência para a produção da oficina (Mariana Guimarães, Rivane Neuenschwander, Leonilson e Rudolf Laban), trabalhar o corpo e movimento.

2º Aula: Inserção do tema “medo” com auxílio de sala ambiente, exemplo: Cabana com contação de história (cabelinho cabelão – Búh! Histórias de medo e coragem). Falar do medo a partir da história contada, (medo do rei) pedir para que as crianças contem seus medos e então desenhem uma imagem que o represente. Experimentar o desenho com fio (colar o fio em papel Kraft). Trabalhar com materiais variados do bordado, (folhas, papel, flores e etc). Para finalizar, trabalhar com o bordado figurativo e não figurativo, propondo uma experimentação da forma abstrata com a colagem do fio no papel.

3º Aula: Bordado 3D: formar uma roda, pedir para as crianças passarem um rolo de fio uma para as outras, lançando o rolo de uma extremidade até a outra da roda, sendo que quando pegarem o rolo, passarão o fio por uma parte do corpo, fazendo com que o fio fique preso a elas. Ao fim, será dado um fio de outra cor a última criança, ela então passará pelo emaranhado dos fios, bordando com o corpo.

Experimentar o bordado em diferentes suportes (folhas, flores, papel) lembrando da questão do medo, como bordar nosso medo? Apresentar a “capa protetora do medo” e pedir às crianças que façam um desenho, como um croqui, da sua própria capa.

4º Aula: Confecção da capa a partir das experimentações com tecidos e materiais anteriores.

5º Aula: Finalização e apresentação com as capas (desfile). Compartilhar a experiência do processo em uma roda de conversa.